



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais
Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”
Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Política social e Serviço Social.

Sub-eixo: Ênfase em Juventude.

EDUCAÇÃO, SERVIÇO SOCIAL E JUVENTUDE: A EDUCOMUNICAÇÃO COMO MECANISMO DE REFLEXÃO PROMOÇÃO DA CIDADANIA

Elaine Amazonas Alves dos Santos¹
Ingrid Oliveira da Silva²

Resumo: O presente relato é resultado da sistematização da prática profissional, de uma assistente social e uma estagiária de Serviço Social, em um projeto socioeducativo desenvolvido com jovens em situação de vulnerabilidade social no Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica, uma ONG que utiliza a Educomunicação como mediadora dos processos socioeducativos reflexivos ancorados na dimensão pedagógica do Serviço Social.

Palavras chave: Serviço social, educomunicação, juventude

Abstract: The present report is a result of the systematization of the professional practice, a social worker and a social work trainee, in a socioeducational project developed with young people in situation of social vulnerability in the Center of Studies and Pedagogical Assistance, an NGO that uses Educommunication as mediator of reflexive socio-educational processes anchored in the pedagogical dimension of Social Work.

Keywords: Social work, educommunication, youth

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende sistematizar a experiência, no campo da educação não formal, desenvolvida com jovens de 15 e 19 anos, integrantes do projeto socioeducativo denominado “Tá Ligado em Quê?” realizado em uma Organização Não Governamental – ONG na cidade de Salvador- BA.

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal da Bahia. E-mail: elaineamazonas@gmail.com

² Estudante de Graduação. Universidade Católica do Salvador. E-mail: elaineamazonas@gmail.com

O Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica/CEAP³, uma entidade jurídica sem fins lucrativos, de utilidade pública ligada a Companhia de Jesus, formada por educadores de inspiração Freireana, que opera há 25 anos na região central da cidade de Salvador-BA realizando atividades voltadas para a formação de professores e jovens em situação de vulnerabilidade social.

O projeto socioeducativo “Tá Ligado em Quê?”, tem como objetivo contribuir para a formação integral de jovens estudantes, na sua maioria negros/as integrantes da rede publica em situação de vulnerabilidade social. Busca fomentar e apoiar o processo de construção de projetos de vida e participação em suas diversas formas e expressões utiliza a educomunicação como um dos mecanismos para o estabelecimento de diálogos e reflexões sobre o cotidiano, promoção da cidadania e garantia de direitos.

Os encontros são pautados a partir das demandas apresentadas pelos/as/xs integrantes do grupo e orbitaram entre eixos temáticos relacionados á território e identidade; projetos de vida e orientação vocacional; comunicação, educação e política; ciência e tecnologia; gênero e sexualidade; raça e etnia; violência; saúde e protagonismo juvenil, tendo a cidade de Salvador com suas inúmeras desigualdades e possibilidades como ambiente socioeducativo.

1. Serviço Social, juventudes e educomunicação.

No Brasil, a juventude, é uma parcela percentualmente significativa, correspondendo a 51 milhões de cidadãos entre 15 e 29 anos, o equivalente a 26,8 %, do total da população (IBGE, 2010). Salvador, de acordo com o mesmo censo possui 466,933 jovens representando 22,4 % do total da população. Mesmo assim, ainda persiste uma lógica adultocêntrica, que propaga uma tradição de menorização,

³Situada no terceiro setor, a instituição nasce no mesmo período em que o Brasil passa a seguir o modelo neoliberal e as relações entre o Estado e a sociedade são alteradas, desta forma vivencia e expressa, cotidianamente, as contradições da sociedade capitalista, onde, dentre muitas coisas, o Estado transfere, para parcelas da sociedade civil, suas responsabilidades constitucionalmente asseguradas, utilizando o discurso ideológico da “autonomia”, “solidariedade”, “parceria” e “democracia”, consolidando-se em função da crise estrutural e de sua resposta neoliberal.

na qual os jovens pobres, especialmente os/as/xs negros/as/xs, são considerados seres inferiores em direitos e dignidade. Os jovens são estigmatizados como desocupados, perigosos, violentos e que precisam ser regulados e isso, conseqüentemente, tem reflexo na precária formulação de políticas e atividades voltadas para esse público, o que consolida uma cultura que se distancia, concretamente, da perspectiva da garantia dos direitos.

As representações sociais, que se forjam através de informações, veiculadas, especialmente, pela grande mídia, estigmatizam e homogeneizam modos de ser e viver. Desta forma contribuem, de maneira contundente, para que esse segmento populacional, não possua espaços onde possam se organizar, refletir e construir individual e coletivamente projetos que contribuam para o enfrentamento e superação da situação em que vivem e vislumbrem possibilidades de alteração do ser/estar no mundo.

Sendo, juventude é uma categoria construída historicamente, socialmente e culturalmente, é consenso entre especialistas que não existe uma juventude, mas várias, definidas e caracterizadas segundo diferentes situações, vivências e identidades sociais. Barcellos (1990) utiliza o termo Juventudes, no plural, para designar não só a relativização do conceito ao longo do tempo e espaço, como também considerar a pluralidade de formas de ser jovem, diante de tantos contextos socioculturais. Em nossa própria sociedade encontramos diversas juventudes.

A definição de juventude pode ser desenvolvida por uma série de características: como uma faixa etária, um período da vida, um contingente populacional, uma categoria social, uma geração... Mas todas essas definições se vinculam, de algum modo, à dimensão de fase do ciclo vital entre a infância e a maturidade (ABRAMO, 2005).

No Brasil contemporâneo, pensar juventudes é debruçar-se sobre a diversidade de um grupo geracional, em uma sociedade de capitalismo dependente e privilégios, constituída a partir processo expropriação e de escravização que ao longo do tempo adquiriu novas configurações perpetuando desta forma o patriarcado, o racismo, o machismo, o sexismo e a homofobia. Negando direitos, limitando possibilidades de aprendizagens, exterminando sonhos e subjetividades, sobretudo, dos/as/xs jovens das camadas populares.

O campo da educação, constitui-se para o Serviço Social, como um importante espaço sócio-ocupacional, de práxis e enfrentamento da lógica neoliberal em curso, (re)afirmando seu compromisso explícito com as classes trabalhadoras, de caráter educativo, político e criativo onde os sujeitos envolvidos são protagonistas do processo a partir da sua dimensão político-pedagógica.

A educação é um fenômeno complexo, composto por um grande número de correntes, vertentes, tendências e concepções, enraizadas em culturas e filosofias diversas. Como toda educação é política, como nos ensinou Paulo Freire, ela não é neutra, pois, necessariamente, implica princípios e valores que configuram uma certa visão de mundo e de sociedade. (GADOTTI, 2012 p.01)

Desta forma, constitui-se como uma prática social que possui uma intensa relação com o contexto social-político-econômico, visto que é nesse processo que obtém seu significado e tornam-se compreensíveis seus métodos e suas finalidades. A educação deve ser compreendida como um processo político, exatamente por traduzir objetivos e interesses de grupos sociais.

Os processos educativos desenvolvidos com as/os/xs jovens compreendem que a educação conforme Freire (1987), deve possibilitar ao homem uma reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo e suas responsabilidades. O trabalho educativo não deve ser feito para o homem, mas sim com o homem, onde ele possa atuar ativamente. A conscientização, como processo educativo, é um meio de organização política do oprimido, um instrumento de luta na superação da realidade opressora. A emancipação só pode acontecer havendo uma mudança na mentalidade dos oprimidos. Os oprimidos imersos na realidade opressiva não possuem uma percepção clara de si mesmos enquanto sujeitos atuantes na sua própria realidade.

Coadunando com a perspectiva freiriana, nos lembra Ana Maria Vale:

A Educação Popular por nós entendida é necessariamente uma educação de classe. Uma educação comprometida com os segmentos populares da sociedade, cujo objetivo maior deve ser o de contribuir para a elevação da sua consciência crítica, do reconhecimento da sua condição de classe e das potencialidades transformadoras inerentes a essa condição (VALE,1992,p.57).

Desta forma, a Educação Popular para o Serviço Social constitui-se como um método de educação, que valoriza e respeita o senso comum, saberes populares e culturais, realidades sociais, experiências individuais e coletivas, na criação de novos saberes, com a intenção de desenvolver um olhar crítico e incentivar a participação social, a grosso modo, desenvolver meios para que se sinta parte do processo de acordo com as suas experiências de vida.

Ao direcionar o nosso olhar para a comunicação, percebemos que existem recortes que dialogam com a prática da educação popular, como é o caso da comunicação comunitária:

Ser efetivamente comunitário aqui é gerir autonomamente o veículo e todas as fases de produção das mensagens por um processo participativo e dialógico. Participação e autonomia estão na base desta concepção de comunicação comunitária que se aproxima do entendimento de educação como ato comunicativo, conforme concebeu Paulo Freire, ou seja, a educação se faz no momento do encontro em que o “educador”, junto com o “educando”, busca um conhecimento compartilhado, e não transmitido. Está presente na relação dialógica quando ambos são mediatizados pelo objeto do conhecimento e a partir daí se pode problematizar o mundo do trabalho, das obras, das ideias, das culturas. É a co-participação no diálogo que torna a pessoa capaz de transformar a realidade que a cerca (MARANHÃO, 2005, p. 2).

E complementa explicando que:

A comunicação comunitária também evoca a participação dialógica entre emissores e receptores na direção das trocas intersubjetivas, de uma horizontalidade discursiva que propõe a quebra das hierarquias de poder e de conhecimento. Segundo Freire, o desejo de mudar o mundo se efetiva a partir da instauração de valores de solidariedade e cooperação entre as pessoas, além do reconhecimento das diferenças culturais que as constituem (MARANHÃO, 2005, p. 2).

Abreu e Maciel (2000) explicitam que a dimensão educativa do serviço social abarca um: [...] posicionamento próprio das classes populares com compromisso político e competência teórica, metodológica e política para a identificação e apropriação das reais possibilidades postas[...].

O campo da educação, especialmente a não formal, pode corroborar para a apreensão e (re)significação das produções e reproduções das relações sociais estabelecidas no cotidiano, vivências, desejos e afetos compartilhados em espaços

construídos coletivamente, Gohn (2016) “A educação não formal designa um processo com várias dimensões[...] É um processo de aprendizagem, não uma estrutura simbólica edificada e corporificada em um prédio ou em uma instituição; ela ocorre pelo dialogo tematizado”. Nesta perspectiva, entende-se a prática educativa enquanto uma entre tantas manifestações da prática social, e que é inerente ao homem e às suas relações sociais.

O intervenção socioeducativa do Assistente Social constitui-se como:

[...] uma ação com potencial para o fortalecimento de processos emancipatórios [...] contribuir para a formação de uma consciência crítica entre sujeitos, através da apreensão e vivência da realidade, para a construção de processos democráticos, enquanto espaços de garantia de direitos, mediante a experiência de relações horizontais entre profissionais e usuários (LIMA; MIOTO, 2011, p. 216-217).

Para Carvalho e Netto (2012, p. 51), “muitas vezes, buscamos a totalidade fora da vida cotidiana, esquecendo que esta mesma vida contém a totalidade e nela é que se processam muitas das mediações entre o particular e o global, entre o singular e o coletivo”. Aduz ainda os autores que “o homem não é só sobrevivência, só singularidade. O homem é, ao mesmo tempo, singular e genérico. Apenas, na vida cotidiana, este ser genérico, coparticipante do coletivo, da humanidade, se encontra em potência, nem sempre realizável” (Idem, p.26). É no bojo dessas mediações que o assistente social, em clarividente atuação profissional contraditória, no nível da apreensão no cotidiano das relações expressas também na atuação com as demandas das juventudes, pode potencializar a sua ação socioeducativa.

Desta forma a educomunicação constitui-se como um terreno fértil para a construção de outras lógicas de trabalho com jovens, uma vez que pode ser compreendida como processo interativo, educativo e comunicacional uma vez que constituem-se como ciências inerentes à vida, na comunicação os meios desenvolvem influências diretas na vida e nas escolhas das pessoas, partindo do princípio que transmite conteúdos que podem corroborar para determinadas escolhas, ao “comprar” uma ideia que está sendo fomentada através dos canais de comunicação, se deixando influenciar pela ótica ali disseminada, não exercendo um olhar crítico sobre a situação. Assim como a educação, a comunicação tem o seu papel político e acaba tomando uma proporção maior por conta dos meios que

favorecem para a massificação de uma determinada informação. Pensando nisso, a inter-relação entre as duas categorias pode proporcionar avanços consideráveis na realidade social, no contexto de uma sociedade neoliberal, proporcionando a formação de indivíduos mais conscientes, informados e participativos.

A inter-relação entre essas áreas de conhecimento cria uma nova área, intitulada Educomunicação, desenvolvendo os objetivos comuns entre a educação e comunicação, que é a construção da cidadania, através da democratização da informação, favorecendo e desenvolvendo o senso crítico, estabelecendo novos pilares sociais.

Assim, podemos dizer que a Educomunicação é:

o conjunto das ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos ⁴abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, dessa forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas (SOARES, 2003. apud, SOARES 2014, p.36)

A Educomunicação é um campo teórico - prático que busca uma nova maneira de aprendizagem, desenvolvendo uma maneira menos hierarquizada e mais participativa, onde os sujeitos envolvidos possam trocar conhecimentos e potencializar competências que a educação formal muitas vezes não proporciona ou limita. É um campo com inúmeras possibilidades, podendo ser explorado de diversas formas como: mídia, tecnologia, arte- educação, redes sociais, internet, educação social, educação não formal, etc., estabelecendo relações de reflexão e aprendizagem, menos hierarquizada e mais participativa, onde os sujeitos envolvidos possam trocar conhecimentos e potencializar competências

Sendo assim, faz-se necessário apropriar-se ao assistente social aproximar-se dessa metodologia que dialoga de maneira contundente com a juventude no tempo presente como um importante instrumento de mediação para garantir que todos os envolvidos possam se expressar livremente, garantindo o direito a livre expressão e comunicação a partir de processos participativos.

2. O trabalho com jovens

O projeto “Tá Ligado em Quê?” se realiza através de encontros semanais onde a partir da pergunta geradora: “Em que vocês estão ligados?” são discutidos temas/assuntos constituintes das existências dos integrantes, como a relação entre pares e familiares, construção do projeto de vida, sexualidades, raça/etnia, gênero, acesso a saúde, cultura e lazer dentre outros tendo como ponto de partida suas vivências cotidianas, desejos e formas de estar e sentir o mundo visando contribuir com a constituição de sujeitos críticos, autônomos e leitores do mundo, onde seus saberes adquiriram sentidos e significados no espaço-tempo contemporâneo.

Os jovens que fazem parte do “Tá Ligado em Quê?”, residem em bairros periféricos marcados pela violência, tráfico e uso/abuso de substâncias psicoativas, falta de equipamentos públicos para o atendimento às necessidades básicas. Se autodeclaram negros, na sua maioria são do gênero masculino, com idade entre 15 a 19 anos. Integram o projeto há aproximadamente três anos e identificam o espaço institucional como lugar de construção de diálogos, aceitação e convivência com as diferenças.

Observamos uma linearidade de comportamentos típicos das juventudes, nas descobertas do corpo, da sexualidade e do mundo, nas experimentações, nas vivências negativas e positivas, nos conflitos familiares, na busca do afeto, nas diferenças sociais, na violência vivenciada por eles/as/xs pelo fato de serem negros/as/xs e pobres, um misto de sentimentos e comportamentos que são terreno repleto de possibilidades para intervenção, frente às múltiplas manifestações da questão social.

Práticas educacionais realizadas no projeto, tem o intuito de potencializar a autonomia e construção do projeto de vida desses jovens, garantindo o direito ao acesso a informação, direitos, aos espaços sócio culturais da cidade e incentivando os mesmos a compartilharem com seus pares os que desenvolveram nesse espaço, seja através de peças de Teatro, como foi o caso da Peça “Flor”, adaptada de uma cartilha do CEDECA e apresentada por esses jovens para outros jovens sobre a violência sexual, seja através de imagens e vídeos produzidos por eles e disseminados nas redes sociais da instituição. As práticas

educativas no projeto garante o acesso aos meios de comunicação, o acesso à informação e a transmissão de conteúdos entre pares.

Compreendemos que projetos de vida são (re)criados e (trans)formados conforme o tempo/espaço vivenciados. Para desvendar a constituição dos projetos de vida dos jovens integrantes do projeto, é necessário olhar para a realidade concreta, em que os sujeitos deste processo se produzem e se reproduzem, pois é neste contexto que também os projetos serão (re)construídos e (re)significados, a partir de suas experiências e vivências. Este concreto é o presente vivido, a vida cotidiana que traz, ao mesmo tempo, as marcas do passado e as possibilidades do futuro, mediadas pelo espaço físico, pelo território.

Durante os encontros as percepções dos jovens a cerca de sua realidade objetiva apresentam reflexões importantes que denotam atribuições de sentidos e significados sobre o projeto e o espaço institucional que nos apontam alguns caminhos para o trabalho do assistente social com jovens.

Ao refletir com os integrantes do projeto se a sala de aula consegue responder e dialogar com suas questões do dia-a-dia, os jovens verbalizam que “a sala não é interessada na vida deles/as/xs”. Essa percepção nos leva a duas possibilidades, a primeira a ser considerada é que possivelmente as metodologias aplicadas nas salas de aula possam estar em descompasso com as demandas do tempo presente, por não conseguir articular os conteúdos trabalhos com a realidade vivida pelos mesmo. Segunda é que os/as/xs jovens não são percebidos pelos professores/as/xs como sujeitos de direitos e construtores dos processos de aprendizagem. Outro adolescente traz a reflexão sobre o conteúdo da escola, onde afirma que “A grade só quer que você saiba e fique no básico”, com isso, consideramos que pode haver uma limitação no conteúdo que se é trabalhado em sala, observando o contexto social que aquele adolescente está inserido e utilizando da educação para garantir a manutenção da ordem social vigente.

3. As contribuições do Assistente Social

A educação é um direito fundamental garantido pela Constituição Federal de 1988, mas como vimos nos capítulos anteriores, existem várias leituras sobre a educação, no que diz respeito a sua finalidade. Para Gadotti (1983), a educação pode ser conceituada como um processo cultural e é com essa perspectiva que iremos trabalhar, reafirmando o conteúdo global da sociedade, considerando todos os elementos que fazem parte desse contexto. É uma prática social que possui uma intensa relação com o contexto social-político-econômico. A educação deve ser compreendida como um processo político, exatamente por traduzir objetivos e interesses de grupos sociais diferentes, garantindo as particularidades de cada contexto social.

O projeto “Tá Ligado em Quê?” configura-se como um espaço da educação informal para atender uma demanda social, por perceber essa carência na sociedade de espaços educativos que ultrapassem as barreiras do ensino tradicional e mercadológico, onde possibilita outro campo de visão, no qual o sujeito tem a opção de refletir sobre as diversas possibilidades e os acontecimentos, produção e reprodução das relações sociais que são comumente normalizados e normatizados

O projeto é desenvolvido através dos princípios que norteiam a prática profissional do Serviço Social, com a intenção de intervir nas manifestações da questão social enfrentadas por esses adolescentes, pautadas no projeto ético político do Serviço Social, onde o olhar da profissional faz toda diferença na escolha das abordagens a serem utilizadas com os adolescentes, garantindo além do espaço coletivo no qual trocam informações, realizam os debates e discussões sobre as diversas temáticas, existe o contato individual dos adolescentes com a assistente social, onde eles podem compartilhar as angústias e inquietações do seu cotidiano. E é justamente através da prática pedagógica do Assistente Social, que valoriza os diferentes saberes e contribuições, que são desenvolvidas as atividades do grupo, onde são os jovens que trazem as suas demandas buscando alternativas através da linguagem e plataformas que se aproxima de maneira satisfatória do seu universo.

O projeto corresponde uma demanda dos/as jovens, desenvolvendo assim um espaço deles e para eles, onde tudo é levado em consideração, de opiniões a propostas de atividades ou assuntos a serem abordados, são eles/as que direcionam

as discussões e o mais importante é que são visto como sujeitos de direitos, o que muitas vezes não acontecem em outros espaços como na escola ou no seio familiar.

Ao analisar os anos que esses adolescentes passam acompanhando o projeto, percebe-se que existe uma relação de pertencimento com esse lugar, significa que esses/as jovens se identificam com esse espaço, que conseguem se encontrar e desenvolver sentimentos que ultrapassam as relações formais de uma instituição. Ao serem questionados sobre o que gostam no grupo e o por que são assíduos, os/as integrantes dizem: “*em primeiro lugar os assuntos, debates e temáticas e conversas do dia-a-dia*” que leva a reflexão de que o que movimenta o grupo é justamente o espaço de aprendizagem através de um diálogo horizontal, onde existe mediador dos assuntos que eles trazem como demandas e que fomenta neles a discussão. Outro dado que consideramos importante é explicitado quando os/as jovens dizem que o que mais gosta no projeto “*é o sentimento de está entre amigos*”o que nos faz inferir que esse espaço fortalece as relações afetivas, garantindo um espaço saudável, onde as diferenças são valorizadas gerando um bom convívio pautado na afetividade e no respeito, o que podemos considerar como um fator de permanência dos jovens durante anos no projeto.

O projeto desenvolve atividades com diferentes metodologias, adaptando a demanda que é posta pelo grupo, algumas delas são pautadas no que chamamos de práticas educacionais, visto que o “Tá Ligado em Quê?” não é um projeto educacional, mas desenvolve atividades pautadas nessas práticas, como é o caso das saídas para o cinema, teatro, praças públicas dentre outros, realizado pelo CEAP, onde o objetivo é possibilitar espaços de lazer, reflexão crítica e apropriação de espaços culturais por esses jovens e ainda garantir o aprendizado e a discussão através de filmes, peças, observações, que por sua vez traz sempre uma problemática a ser discutida em grupo posteriormente. Sobre essa questão, os/as jovens consideram como importante essas atividades dizendo “*O grupo aprende muito com filmes*”, “*Porque podemos conhecer novos lugares*”

Percebemos que o cinema, em especial, pode contribuir culturalmente para o desenvolvimento dos/as jovens, podemos destacar o filme Pantera Negra, que trás o protagonismo de personagens negros/as com os quais muitos/as jovens

se identificaram ao se perceberem representados e o que gerou profícuo debate sobre questões relacionadas á gênero e raça com o grupo.

Sendo assim, podemos afirmar que a presença da profissional de Serviço Social em uma instituição de educação constitui-se como um elemento essencial, pois consegue desenvolver uma leitura da realidade, considerando o contexto social, econômico e político e através das dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativo, pautadas nas diretrizes curriculares da ABEPSS (1996)

A competência teórico-metodológica, técnico-operativa e ético-política são requisitos fundamentais que permite ao profissional colocar-se diante das situações com as quais se defronta, vislumbrando com clareza os projetos societários, seus vínculos de classe, e seu próprio processo de trabalho. Os fundamentos históricos, teóricos e metodológicos são necessários para apreender a formação cultural do trabalho profissional e, em particular, as formas de pensar dos assistentes sociais (ABEPSS, 1996, p.7).

E é com base nessas dimensões que pode se desenvolver estratégias técnicas de intervenção profissional no contexto da instituição, com o objetivo de enfrentar as manifestações da questão social que se expressam no contexto institucional.

4. Considerações finais

Percebemos que ainda temos o grande desafio de ampliar as práticas e expandir as metodologias pautadas nas práticas educacionais adotadas pelo projeto “Tá Ligado em Quê?” para outras comunidades, onde outros/as jovens possam vivenciar novas/outras experiências e desenvolver as competências de acordo com seus desejos e necessidades.

Considerando a relevância da Educação para o Serviço Social, se faz necessário ampliar a discussão sobre essa temática para outros campos de atuação, onde essa metodologia possa contribuir para reflexão e criação de novas/outras abordagens e caminhos metodológicos do agir profissional pautado na prática que envolva as experiências e histórias de vidas dos/as jovens em situação de vulnerabilidade, mas, sobretudo, que o serviço social possa criar junto com os

sujeitos envolvidos novas metodologias de trabalhos que contribuam para garantir intervenção criativa nos diferentes espaços sociocupacionais.

A discussão se torna necessária no campo do Serviço Social, entendendo que a prática pedagógica inerente à profissão pode ser potencializadas a partir da utilização da educomunicação como mediadora dos processos interventivos desenvolvidos pelos/as Assistentes Sociais, viabilizando maior aproximação do seu público alvo através da reflexão e disseminação de informações de interesse da população referentes aos direitos sociais e até mesmo a prática do Serviço Social, que ainda hoje, muitas vezes se apresenta vinculada as práticas assistencialista dos primórdios da profissão.

Assim, a presente sistematização buscou oferecer uma contribuição para a reflexão sobre a Educomunicação, suas relações com juventude e a prática do Serviço Social, onde pode de maneira satisfatória responder as demandas sociais e intervir nas expressões da questão social que faz parte da sociedade capitalista.

Das alterações identificadas nos sujeitos integrantes do projeto destacamos o desenvolvimento de competências no que tange autonomia, participação, proposição, liberdade, facilidade em enfrentar o público durante apresentações teatrais, desenvolvimento na frente das câmeras e o posicionamento político-crítico frente as discussões que surgiram no grupo.

REFERÊNCIAS

ABEPSS, **Diretrizes Gerais para o Curso de Serviço Social**(Com base no Currículo Mínimo aprovado em Assembléia Geral Extraordinária de 8 de novembro de 1996.)

ABRAMO, H. W. (2008). **Condição juvenil no Brasil contemporâneo**. In H. W. Abramo & P. P. M. Branco (Orgs.), Retratos da juventude brasileira (pp. 37-72). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ABREU, Marina Maciel. CARDOSO, Franci Gomes. **Mobilização Social e práticas educativas**. In.: Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

BARCELLOS, Cláudia Rezende. **“Diversidade e identidade: discutindo jovens de camadas médias”**. In: VELHO, Gilberto (org.). Individualismo e juventude. Revista do Museu Nacional/ PPG AS. Comunicação 18. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990, p. 5-25.

BRASIL. **Constituição Federal**. 05 de Outubro de 1988.

CARVALHO, M. C. B; NETTO, J. P. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder: introdução à pedagogia do conflito**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1983.

_____. **EDUCAÇÃO POPULAR, EDUCAÇÃO SOCIAL, EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA: Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum**. Revista Dialogos: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v.18, n.1, dez, 2012

GOHN, M. G **Educação não-formal e cultura política**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T. **Ações socioeducativas e Serviço Social: características e tendências na produção bibliográfica**. Temporalis, Brasília (DF), v. 11, n. 21, p. 211-237, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/1378/1634>>.

MARANHÃO, Carlos. **Comunicação Comunitária e Educação Popular: Caminhos para uma Práxis Transformadora**. Trabalho apresentado ao NP 11, Núcleo de Comunicação Educativa do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, Rio de Janeiro, 2005.

SOARES, Ismar. **Educomunicação: O conceito, o profissional, a aplicação: Contribuições para a reforma do Ensino Médio**. 3º ed. São Paulo: Paulinas, 2014.
_____. **Mas afinal, o que é Educomunicação?**. Universidade de São Paulo. Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. Consultado em 03 de maio de 2019